

OS APARELHOS IDEOLÓGICOS DE ESTADO: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA DE LOUIS ALTHUSSER

Rafael da Silva Marques
Juiz do Trabalho Substituto
Mestre em Direito pela UNISC
E-mail: utopia@viavale.com.br

Resumo: Este estudo tem por meta trazer à tona o aspecto que se relaciona à reprodução capitalista das relações de produção. É com a dominação dos aparelhos ideológicos de Estado (AIE) que a elite burguesa reproduz sua lógica de dominação excludente e desigual. E o faz principalmente através da escola, sem deixar de lado, evidentemente, a igreja, a família, sindicatos, o direito e outros. O tema merece algumas considerações, e tem por base a obra *Aparelhos Ideológicos de Estado* de Louis Althusser.

Palavras-chave: Louis Althusser – aparelhos ideológicos de Estado – dominação burguesa – aparelhos repressivos de Estado – família/igreja família/escola – ideologia.

INTRODUÇÃO

O que se pretende com estas breves palavras é trazer à discussão o aspecto que se relaciona à reprodução capitalista das relações de produção. É com a dominação dos aparelhos ideológicos de Estado (AIE) que a elite burguesa reproduz sua lógica de dominação excludente e desigual. E o faz principalmente através da escola, sem deixar de lado, evidentemente, a igreja, a família, sindicatos, o direito e outros. Age, portanto, de forma ideológica, reproduzindo um sistema excludente e desigual, através das próprias pessoas que por ele são exploradas e utilizadas como meio.

Não há como esquecer dos aparelhos repressivos de Estado (polícia, presídios, direito, entre outros) que agem através da violência (física ou não) e que dão guarida à parte ideológica (AIE), para que essa possa agir de forma segura e sem percalços dentro das famílias, escolas, igrejas, sindicatos.

É bom que se saiba, também, que esta lógica capitalista que domina o aspecto ideológico age dentro das faculdades de direito e do poder público, encarregado na “defesa” da classe trabalhadora, por exemplo. Tudo isso é tratado no texto, conforme segue.

APARELHOS IDEOLÓGICOS DE ESTADO

É muito difícil, hoje, discutir ideologia. Marx a coloca como parte, juntamente com o direito e o governo, da superestrutura, que se alicerça sobre as forças produtivas e relações de produção (infra-estrutura)¹.

O que este estudo propõe é discutir a reprodução das relações de produção, através dos aparelhos ideológicos de Estado. Note-se que a reprodução da força de trabalho (forças produtivas) dá-se através do salário, meio material alcançado ao trabalhador pelo serviço prestado ao capitalista. O salário é indispensável à reprodução material da vida do trabalhador, com alimento, vestuário, educação dos filhos, reproduzindo-se como força de trabalho², como mão-de-obra, peça na engrenagem capitalista.

Não basta, contudo, assegurar à força de trabalho (trabalhadores) as condições materiais para sua reprodução. A reprodução deve-se dar contando com um elemento fora do processo produtivo, qual seja, o sistema escolar capitalista.

O que se aprende na escola, pergunta-se Althusser? Aprende-se a ler, escrever, a contar, cultura científica e literária, além de avançar-se um pouco dentro do sistema de estudo. Estas técnicas e formas de aprendizagem estão relacionadas e são utilizáveis nos diferentes postos da produção (uma forma de instrução para operários, outra para técnicos, uma para engenheiros e uma diferente para gerentes superiores, etc). Na verdade, o que se aprende é o “know-how” capitalista.³

A reprodução da força de trabalho não exige apenas a reprodução de sua qualificação, mas também de sua submissão às normas da ordem vigente, isto é, uma reprodução da submissão dos operários à ideologia dominante “e uma reprodução da capacidade de perfeito domínio da ideologia dominante por parte dos agentes da exploração e repressão, de modo a que eles assegurem também ‘pela palavra’ o predomínio da classe dominante”⁴.

Para Althusser,

¹ SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia Clássica: Durkheim, Weber [e] Marx*. 3. ed. Itajaí: Ed. UNIVALI, 2002, p. 172.

² ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*; tradução de Walter André Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 2ª edição, p. 56.

³ ALTHUSSER, 1985, p. 57/8.

⁴ *Ibidem*, p. 58.

Em outras palavras, a escola (mas também outras instituições do Estado, como a Igreja e outros aparelhos como o Exército) ensina o 'know-how' mas sob a forma de assegurar a submissão à ideologia dominante ou o domínio de sua 'prática'. Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, sem falar dos 'profissionais da ideologia' (Marx) devem de uma forma ou de outra estar 'imbuídos' desta ideologia para desempenhar 'consenciosamente' suas tarefas, seja a de explorados (os operários), seja de exploradores (capitalistas), seja de auxiliares na exploração (os quadros), seja de grandes sacerdotes da ideologia dominante (seus 'funcionários') etc⁵.

Abordadas as formas de reprodução das forças produtivas ou seja, força de trabalho, necessário, a partir de agora, adentrar à reprodução das relações de produção.

Antes, contudo, é preciso que se saiba o que são a infra-estrutura e a superestrutura. Para tanto se recorre a Marx, que divide a sociedade em níveis, sendo a infra-estrutura ou a base econômica formada pelas relações de produção e pelas forças produtivas e a superestrutura que compreende dois níveis: o jurídico/político (o direito e o Estado) e o ideológico⁶.

O que é interessante observar, como diz Althusser, é que sem as bases (infra-estrutura), não há como o cume (superestrutura) sustentar-se⁷, o que comprova ser este dependente daquele, embora seja o último quem detém o poder sobre o Estado e a ideologia, caracterizando-se como a classe dominante.

Este Estado nada mais é do que o reflexo da classe dominante. É ele um meio de repressão onde a burguesia assegura sua dominação frente à classe operária, para submetê-la ao processo da extorsão da "mais valia", ao processo da exploração capitalista declarada. Ele (Estado) é um aparelho repressivo, repressão esta executada através de seus mais variados órgãos como polícia, tribunais, presídios, a serviço das elites frente ao proletariado, tendo por função a reprodução do modo capitalista de produção⁸.

Mas o que são, na verdade, os aparelhos ideológicos de Estado e como eles agem? Althusser aduz que foi Gramsci quem teve a idéia de que o Estado não é

⁵ Ibidem, p. 58/9.

⁶ ALTHUSSER, 1985, p. 60. Ver, também, nota 1.

⁷ Loc. cit.

⁸ ALTHUSSER, 1985, p. 62/3.

formado apenas pelo aparelho repressivo, senão também por um certo número de instituições existentes na sociedade civil, tais como a igreja, a escola, os sindicatos, etc. Os aparelhos ideológicos de Estado não se confundem com os Aparelhos Repressivos de Estado. Os ARE são, na verdade, o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões, e que funcionam através da violência, ao menos em situações-limite, já que a repressão, por exemplo, administrativa, pode ocorrer sem qualquer ato violento⁹.

Os AIE são as Igrejas, Escolas, Família, Jurídico, Político, Sindical, Cultural e outros. Não quer dizer que não haja, assim como no caso do “Direito”, alguns aparelhos ideológicos que ao mesmo tempo são AIE e ARE. Uma distinção que não é cabal, mas serve para a maioria dos casos, é a de que os ARE fazem parte do poder público e os AIE do privado. O que irá distinguir, no fundo, um do outro é que o ARE atua através da violência e o AIE através da ideologia^{10 11}.

Os aparelhos repressivos de Estado funcionam principalmente pela repressão, embora possa ter um aspecto ideológico, mas secundário (ARE) assim como o AIE opera preferencialmente e principalmente pela ideologia, embora haja o caráter coercitivo, já que as escolas, igrejas, sindicatos e mesmo famílias têm suas formas de violência como exclusões, seleções, sanção mesmo física e penalidades em geral¹².

A ideologia utilizada pelos AIE é a ideologia das elites dominantes. É a ideologia burguesa capitalista. E essa ideologia é difícil de ser combatida. Tanto é verdade que Lênin, quando a Revolução toma o poder criando na Rússia a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, tenta revolucionar o AIE escolar, para permitir que o proletariado soviético, que se apropriou do Estado, pudesse garantir seu próprio futuro com a ditadura do proletariado e a passagem para o socialismo¹³. E

⁹ Ibidem, p. 67/8.

¹⁰ ALTHUSSER, 1985, p. 69.

¹¹ Interessante, aqui, trazer à discussão algumas considerações de Jean-Jaques Rousseau, para quem “A religião nos ordena a crer que o próprio Deus, tendo tirado os homens do estado de natureza imediatamente depois da criação, os fez desiguais porque Ele quis que assim o fossem: proíbe-nos, porém, de formar conjecturas, tiradas somente da natureza do homem e dos seres que o rodeiam, sobre o que poderia ter acontecido ao gênero humano se tivesse ficado abandonado a si mesmo”. ROUSSEAU, Jean-Jaques. *Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens*. Tradução Alex Marins. Editora Martin Claret - Coleção Obra Prima de Cada Autor – Textos Integrais, 2005, p. 32/3.

¹² ALTHUSSER, p. 70.

¹³ Ibidem, p. 71.

isso é de difícil superação porque as elites e o pensamento destas mesmas elites continua por muito tempo arraigado, inclusive na mente dos próprios revolucionários que, embora assim o sejam (revolucionários), permanecem com parte da ideologia dos opressores vagando por seus pensamentos sem que se apercebam disso de forma clara.

Mas como se dá a reprodução das relações de produção, tão essencial à manutenção da ordem capitalista?

Althusser responde que a reprodução das relações de produção se dá pela ideologia e pelo jurídico-político, portanto, no campo da superestrutura, junto aos aparelhos de estado (ARE e AIE). Quem controla os ARE e os AIE são as elites capitalistas dominantes, reproduzindo o poder repressivo e ideológico existente a fim de manter a propriedade privada e o trabalho assalariado.

O papel do ARE consiste, como aparelho repressivo, em garantir, pela força (física ou não), as condições apropriadas para a reprodução das relações de produção que nada mais são do que as relações entre capital e trabalho, relações de exploração. Garantem, além disso, que os AIE possam exercer suas funções, garantia esta executada através da repressão¹⁴.

Quanto aos AIE, deve-se ter em mente que é por eles que o modo de produção capitalista se repete e incorpora na mente das pessoas uma ideologia de exclusão e desigualdade. A educação trazida pelos professores, criados já com base neste sistema, transmite-se a seus alunos e cria, na visão destes mesmos alunos, uma espécie de ética de exclusão social embasada na lei do maior e melhor esforço, onde tudo está ao alcance de quem efetivamente quiser trabalhar.

Para Louis Althusser a ideologia na qual funcionam os aparelhos ideológicos de Estado, é unificada *sob a ideologia dominante*. “Todos os aparelhos ideológicos de Estado concorrem para o mesmo resultado: a reprodução das relações de produção, isto é das relações de exploração capitalistas. Cada um deles concorre para esse resultado de uma maneira que lhe é própria, isto é, submetendo

¹⁴ ALTHUSSER, 1985, p. 74.

(sujeitando) os indivíduos a uma ideologia”. Prossegue aduzindo que isso é dominado por uma partitura única, a ideologia da classe dominante¹⁵.

Todos os aparelhos ideológicos de Estado concorrem, e daí não se exclui, por evidente, a escola, para um mesmo fim: reprodução do modo de produção do capital, compondo a superestrutura ideológica que assegura esta reprodução¹⁶.

Lembra Althusser que o AIE dominante é a escola. Para ele a Escola

Se encarrega das crianças de todas as classes sociais desde o Maternal, e desde o Maternal ela lhes inculca, durante anos, precisamente durante aqueles em que a criança é mais “vulnerável”, espremida entre o aparelho de Estado familiar e o aparelho de Estado escolar, os saberes contidos na ideologia dominante (o francês, o cálculo, a história natural, as ciências, a literatura) ou simplesmente a ideologia dominante em estado puro (moral, educação cívica, filosofia). Por volta do 16º ano, uma enorme massa de crianças entra na “produção”, são operários ou pequenos camponeses. Uma outra parte da juventude escolarizável prossegue: e, seja como for, caminha para os cargos dos pequenos e médios quadros, empregados, funcionários pequenos e médios, pequenos burgueses de todo o tipo. Uma última parcela chega ao final do percurso, seja para cair num semi-desemprego intelectual, seja para fornecer além dos “intelectuais do trabalhador coletivo”, os agentes da exploração (capitalistas, gerentes) os agentes de repressão (militares, policiais, políticos, administradores) e os profissionais da ideologia (padres de toda a espécie, que em sua maioria são “leigos” convictos)¹⁷.

Grande parte dessa ideologia se aprende fora da escola, “porém, nenhum aparelho ideológico de Estado dispõe, durante tantos anos, dessa audiência obrigatória (e por menos que isso signifique, gratuita ...), 5 a 6 dias num total de 7, numa média de 8 horas por dia, da totalidade das crianças da formação social capitalista”¹⁸.

Os mecanismos que produzem e reproduzem a relação exploradores e explorados da ordem capitalista são naturalmente “encobertos e dissimulados por uma ideologia da escola universalmente aceita, que é uma das formas essenciais da

¹⁵ ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. *Introdução*. Em Louis Althusser. *Aparelhos ideológicos de Estado*, tradução de Valter José Evangelista e Mara Laura Viveiros de Castro; Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 2ª Edição, p.26, 31 e 32.

¹⁶ ALTHUSSER, 1985, p. 78.

¹⁷ *Ibidem*, p. 79.

¹⁸ *Ibidem*, p. 80.

ideologia burguesa dominante: uma ideologia que representa a escola como neutra, desprovida de ideologia (uma vez que é leiga), aonde os professores, respeitosos da ‘consciência’ e da ‘liberdade’ das crianças que lhes são confiadas pelos ‘pais’”, que também são “livres”, entenda-se proprietários de seus filhos, conduzem-nas à liberdade, à moralidade, à responsabilidade adulta pelo seu exemplo, conhecimento, literatura e virtudes em geral libertárias¹⁹.

A Escola, substituta da Igreja como a aparelho ideológico, juntamente com a Família, desempenha, pela forma como age, desde os primeiros anos de vida até a conclusão da formação intelectual do cidadão, como forma de reprodução das relações de produção do modo capitalista que, ameaçado constantemente pela luta de classes, consegue, infiltrando-se junto ao proletariado, garantir sua hegemonia e manter, para as elites dominantes desta ideologia, as relações de exploração através do trabalho assalariado e acumulação de capital nas mãos de uns poucos.

É bom lembrar que os AIE e o próprio Estado apenas têm sentido de um ponto de vista da luta de classes, enquanto aparelho da luta de classes, mantenedor das condições de exploração e de sua reprodução. “Não há luta de classes sem classes antagônicas”. É por isso que os AIE não são a realização da ideologia em geral, ou mesmo a realização sem conflitos da ideologia dominante. A ideologia da classe dominante não se torna dominante por ato ou graça divina, ou pela simples tomada do poder de Estado. É pelo estabelecimento dos AIE, onde esta ideologia é realizada que ela se torna dominante. Tanto que Althusser assevera que “este estabelecimento não se dá por si só, é, ao contrario, o placo de uma dura e ininterrupta luta de classes: antes de mais nada contra as antigas classes dominantes e suas posições nos antigos e novos AIE, em seguida, contra a classe explorada”^{20 21 22}.

¹⁹ ALTHUSSER, 1985, p. 80.

²⁰ ALTHUSSER, 1985, p. 106.

²¹ Interessante, aqui, fazer referência às primeiras frases da obra O Manifesto do Partido Comunista. Nesta obra lê-se “Até os nossos dias, a história da sociedade tem sido a história das lutas de classe. Homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, mestre-artesão e aprendiz – numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição – têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que sempre terminava por uma transformação revolucionária da sociedade inteira ou pela destruição das duas classes em luta”. MARX, Karl. FRIEDRICH, Engels. *Manifesto Comunista*. Comentado por Chico Alencar. – Rio de Janeiro: Garamond, 1998, p. 51.

²² Da mesma forma Lênin que aduz que “Quanto à época moderna, a da vitória completa da burguesia, das instituições representativas, do sufrágio alargado (senão universal!), da imprensa quotidiana barata, que penetra nas massas, etc..., a época das associações poderosas e cada vez mais vastas, a dos operários e dos patrões, etc., mostrou, ainda com mais evidência (embora por

Prossegue Althusser.

Apenas do ponto de vista das classes, isto é, da luta de classes, pode-se dar conta *das* ideologias existentes numa formação social. Não é apenas a partir daí que se pode dar conta da realização da ideologia dominante nos AIE e das formas da luta de classes das quais os AIE são a sede e o palco. Mas é sobretudo, e também a partir daí que se pode compreender de onde provêm as ideologias que se realizam e se confrontam nos AIE. Porque se é verdade que os AIE representam a *forma* pela qual a ideologia da classe dominante deve necessariamente se realizar, e a forma com a qual a ideologia da classe dominada deve necessariamente medir-se e confrontar-se, as ideologias não “nascem” dos AIE mas das classes sociais em luta: de suas condições de existência, de suas práticas, de suas experiências de luta, etc.²³

Há, portanto, pela ideologia da classe dominante, a reprodução das relações de produção, mantendo a ordem capitalista (elite dominante) intacta, sem que os próprios atingidos (proletários e trabalhadores em geral) se apercebam disso, pois que “dominados” pela reprodução ideológica capitalista desde a família, passando pela igreja, sindicatos, escola e direito (estrutura tanto ideológica quanto repressiva).

Nas notas de 1976 a respeito da obra *Aparelhos Ideológicos de Estado*, Althusser, após ser criticado pelo texto, assevera que a

ideologia dominante, que existe no complexo sistema dos aparelhos ideológicos de Estado, é também o resultado de uma dura e muito longa luta de classes, através da qual a burguesia (se tomarmos esse exemplo) só pode conseguir seus fins sob condição de lutar, *ao mesmo tempo*, contra a antiga ideologia dominante, que sobrevive nos antigos Aparelhos, e contra a ideologia da nova classe explorada, que busca suas formas próprias de organização e de luta²⁴.

A luta pela reprodução da ideologia dominante é um combate inacabado que sempre necessita de renovação, pois que sujeito à luta de classes.

O interessante, já trazendo a discussão para a política, mais precisamente para os partidos políticos, é que, por exemplo, os partidos comunistas que

vezes sob uma forma muito unilateral, “pacífica”, “constitucional”) que a luta das classes é o motor dos acontecimentos”. LÊNIN. *Karl Marx*. Em *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. 6ª Edição. Global Editora. 1988, p. 26.

²³ ALTHUSSER, 1985, p. 106/7.

²⁴ ALTHUSSER, 1985, p. 110.

participam dos governos eleitos ou que elegem representantes às assembléias ou câmaras de deputados nada mais fazem do que reproduzir a lógica burguesa. Caem na armadilha ideológica burguesa. Isso ocorre porque estes partidos abandonam a luta de classes, que é onde se dá a dominação ideológica, repetindo, muitas vezes (na maioria delas) sem saber, a lógica burguesa. A ideologia burguesa acaba por tirar dos partidos comunistas a veia revolucionária, a crítica revolucionária, pois que a luta operária se dá para a supressão do Estado e, conseqüentemente, dos AIE²⁵.

O que cabe destacar neste breve texto, ainda, é a parte relativa às faculdades de direito. Elas, atualmente, em seu currículo, impõem o ensino do direito posto, próprio das elites e embasado na lei, segurança jurídica e propriedade privada. Dificilmente há uma visão emancipatória, constitucional emancipatória, onde o outro é visto como um fim em si mesmo e não como meio. A lógica repete a igualdade formal e a não-responsabilização da sociedade civil pelos casos de miséria extrema que vigem no mundo presente^{26 27}.

Interessante, ainda, Marx, na obra *A Ideologia Alemã*, mostra que a classe que dispõe dos meios de produção material dispõe, também, dos meios de produção espirituais (idéias), o que faz com que os que não dispõem dos meios de produção material estejam sempre submetidos às idéias dos que possuem os meios de produção material²⁸.

É interessante destacar, ainda, o que diz Mészáros a respeito do aspecto educacional

²⁵ Ibidem, p. 126/8.

²⁶ “Todas essas características, sobretudo contudentes no último quartel do século XX, como também as perplexidades e incertezas engendradas por elas, certamente influenciaram o Direito e a ciência jurídica em todas as suas faces: na *formação* do direito (interagindo junto às fontes materiais), no *ensino* do Direito (ditando conteúdos e ideologias para as grades curriculares) e na *aplicação e interpretação* do Direito (determinando a colonização cultural das classes formadoras de opinião, em cujo epicentro estão juristas, operadores do Direito e grandes usuários do sistema judiciário)”. FELICIANO, Guilherme Guimarães. *Direito, Marx, Althusser, Neoliberalismo – Direito e Economia: Marx, Althusser e os Desafios da Sociedade Capitalista na Era Pós-industrial*. Revista Síntese Trabalhista, número 180, junho/2004, p. 140.

²⁷ O mesmo acontece com a defesa ferrenha dos direitos dos trabalhadores pela legislação social, Justiça do Trabalho, Procuradoria do Trabalho e Ministério do Trabalho e Emprego. Assim agindo a legislação e estas instituições nada mais fazem do que frear a luta de classes e, conseqüentemente, a tomada do poder por parte desta, permitindo a manutenção da lógica capitalista. Não é de se esquecer, contudo, que com um rol generoso de direitos sociais o trabalhador pode ter mais acesso à informação e, por ela, traçar os passos para a dita tomada do poder. Necessita, contudo, antes, de uma emancipação intelectual, que pode estar, também, ligada a uma relação mais generosa de direitos trabalhistas.

²⁸ MARX, Karl. *A ideologia alemã*. Tradução Frank Müller. Editora Martin Claret - Coleção Obra Prima de Cada Autor – Textos Integrais, 2006, p. 78.

o impacto da incorrigível lógica do capital sobre a educação tem sido grande ao longo do desenvolvimento do sistema. Apenas as *modalidades* de imposição dos imperativos estruturais do capital no âmbito educacional são hoje diferentes, em relação aos primeiros e sangrentos dias da “acumulação primitiva”, em sintonia com as circunstâncias históricas alteradas, como veremos na próxima seção. É por isso que hoje o sentido da mudança educacional radical não pode ser senão o rasgar da camisa-de-força da lógica incorrigível do sistema: perseguir de modo planejado e consistente uma estratégia de rompimento do controle conhecido pelo capital, com todos os meios disponíveis, bem como com todos os meios ainda a ser inventados, e que tenham o mesmo espírito²⁹.

O que propõe Mézáros é uma educação para além do capital. Enfrentar de forma aberta e consciente as formas de controle ideológico capitalista é o primeiro passo. Não mais repetir este sistema excludente de dominação burguesa dentro das escolas e trazer a versão do ser humano como um fim e não como meio a se chegar ao acúmulo de capital é o que se pretende.

Para isso necessário se faz uma nova escola, uma nova família, uma nova igreja. Precisa-se, na verdade, uma nova consciência. Uma nova consciência de classes. Ou melhor, a velha consciência de classes há muito perdida, soterrada pela dominação ideológica burguesa. Uma educação para além do capital, além dos limites da igualdade formal (que gera em seu ventre a desigualdade), além dos limites da acumulação capitalista de dinheiro e propriedade, além dos limites do eu. Uma educação com princípios comunicativos, onde o outro é um fim em si mesmo. Uma nova vida. Uma nova sociedade, mas com as mesmas pessoas. Uma nova sociedade que domine, com a voz da maioria, os aparelhos ideológicos de Estado.

Conclusão

Conclui-se este estudo com uma convicção pelo menos: para superar a lógica capitalista excludente deve-se, primeiro, buscar dominar os aparelhos repressivos de Estado. Feito isso, necessário seja extirpada a lógica capitalista de dentro dos aparelhos ideológicos, a começar pela família burguesa. O fim da família burguesa é

²⁹ MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 35.

o primeiro passo. Os seguintes são controlar, pela ideologia não mais burguesa mas social, a igreja, os sindicatos e, principalmente, as escolas.

A verdadeira consciência de classes, embrião da luta de classes, depende da retomada ou tomada do controle sobre os aparelhos ideológicos de Estado. A verdadeira igualdade, a relação do homem com o homem como fim e não como meio depende necessariamente disso. Urge, portanto, que a sociedade, mesmo que aos poucos, comece a tomar consciência de por onde começar. É trazendo os AIE para a repetição da ideologia da maioria que a sociedade será, em tese, mais igual.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. *Introdução*. In: ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 2. ed. Trad. de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 2. ed. Trad. de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FELICIANO, Guilherme Guimarães. Direito, Marx, Althusser, Neoliberalismo – Direito e Economia: Marx, Althusser e os Desafios da Sociedade Capitalista na Era Pós-industrial. *Revista Síntese Trabalhista*, n. 180, jun. 2004.

LÊNIN. *Karl Marx. Em as três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1988.

MARX, Karl. FRIEDRICH, Engels. *Manifesto Comunista*. Comentado por Chico Alencar. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

_____. *A ideologia alemã*. Trad. de Frank Müller. São Paulo: Martin Claret, 2006.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. Trad. de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. *Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens*. Trad. de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2005.

SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia Clássica: Durkheim, Weber [e] Marx*. 3. ed. Itajaí: UNIVALI, 2002.